



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOÃO LUÍS CUNHA ENSINA

A Pessoa - ser em relação

Uma discussão em torno da pessoa como ser em relação no âmbito da lecionação de Educação Moral e Religiosa Católica da Unidade Letiva “A Pessoa Humana” do 6º ano.

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Mestre Juan Francisco Ambrosio**

**Lisboa
2014**

Introdução

A educação é uma tarefa fundamental de toda e qualquer sociedade. Dela depende o desenvolvimento harmonioso de quem é educado, assim como a qualidade do progresso da sociedade. Esta tarefa fundamental deve ter pretensões de integralidade, ou seja, procurar a educação completa da pessoa, pensar o ser humano por inteiro, em todas as dimensões que o constituem.

Este Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada pretende ser uma reflexão sobre a prática letiva por mim realizada no ano lectivo 2011/2012 no colégio Oficinas de S. José em Lisboa.

A parte I deste Relatório Final apresenta o colégio. A experiência por mim realizada, de uma forma mais intensa, na prática de ensino supervisionada, a partir da leccionação da Educação Moral e Religiosa Católica. Esta experiência concreta, realizada num contexto concreto, que me ajudou na minha caminhada como docente, sabendo à partida que esta é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e entusiasmo. Nesta etapa da minha vida foram dois os desafios que se me colocaram e me exigiram, primeiro, uma reflexão sobre a relação pedagógica segundo, a análise de todo o processo de ensino- aprendizagem relativo à leccionação da Unidade Lectiva sobre “A pessoa humana” no sexto ano de escolaridade. A análise da referida Unidade Lectiva será levada a cabo através de mapa conceptual como teremos oportunidade de ver mais à frente.

Na parte II deste Relatório, será realizada a fundamentação filosófica e teológica da dimensão relacional de pessoa humana, a partir da reflexão atual no âmbito da antropologia cristã, tendo em vista uma ontologia da relação. O conceito de pessoa humana é o conceito chave da Unidade Lectiva que me propus analisar. Aqui, a fundamentação terá como base o conceito pessoa em Ruiz de la Peña dividida em: O homem enquanto pessoa e a pessoa como ser em relação.

Por ultimo, na parte III, proponho-me reorganizar a Unidade Lectiva, tendo em conta o itinerário realizado, com o objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem. Esta reorganização será feita através da elaboração de um novo mapa conceptual da Unidade Lectiva e de uma cuidada articulação de conteúdos partindo do conceito relacional da pessoa humana.

Parte I

Reflexão sobre a prática letiva

1. Caracterização da Escola ¹

Michell Lessard-Hébert considera que “(...) ao iniciar o estudo se devem apresentar os elementos ambientais para a compreensão do problema particular”²

Neste capítulo vou realizar uma breve caracterização da comunidade escolar em geral, focando o nível do estabelecimento de ensino e na comunidade onde ele está inserido.

O estabelecimento de ensino particular denominado “Oficinas de S. José – Associação Educativa” encontra-se situado na Praça S. João Bosco, nº 34, em Lisboa, entre a Rua Saraiva de Carvalho e a Rua Coronel Ribeiro Viana, perto do Cemitério dos Prazeres.

O estabelecimento das Oficinas de S. José, propriedade da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana, é uma Associação Educativa que ministra o ensino básico e secundário a cerca de três mil alunos. O ensino centra-se em valores da fraternidade cristã, da solidariedade social, da igualdade de oportunidades, do respeito pela dignidade do trabalho, da cidadania e da não discriminação, com a finalidade de estimular atividades de luta contra a pobreza e exclusão social.

O colégio, começou a funcionar nos inícios dos anos 70 do século passado. Anteriormente, era uma escola de artes e ofícios, daí o nome de Oficinas de S. José, que ainda conserva na designação atual: “Oficinas de S. José – Associação Educativa”. A antiga escola profissional, além dos aprendizes em regime de internato, tinha também um grupo de alunos externos das classes primárias e, durante algum tempo, do curso comercial (1940-62). A

¹ Cf. www.lisboa.salesianos.pt - acedido em 23/04/2014.

² LESSARD-HÉBERT, Michell, *Pesquisas em educação*, Instituto Piaget, Lisboa 1996. p 35.

mudança de escola técnico-profissional para estabelecimento do ensino básico e secundário ficou a dever-se à reforma de Veiga Simão, que decretou a unificação do ensino em 1969.

A partir destas raízes históricas e da opção salesiana que, desde o início, procura conjugar vários ambientes (centro juvenil, escola, paróquia), podemos contar com uma presença capaz de oferecer um leque muito diversificado de percursos educativos.

Na origem das “Oficinas de S. José” de Lisboa, bem como na de outras instituições homónimas espalhadas pelo país, a partir dos anos 80 do século XIX, encontramos uma ideia diretamente inspirada no modelo oferecido pela Oficina de S. José do Porto (1883), e indiretamente, do espírito e das obras educativas promovidas por S. João Bosco, a favor dos jovens mais pobres e abandonados da sociedade.

A sua fundação deve-se à iniciativa de Isabel Maria de Lacerda Castelo Branco e do padre Francisco Herculano Cordeiro. O primeiro passo consistiu na abertura de uma escola primária no Bairro da Lapa, Rua das Praças, n. 36, em 1885, à qual foi dado o nome de Colégio do Sagrado Coração de Jesus. Em 1890, a 1 de outubro, foram inauguradas duas oficinas (marcenaria e sapataria), funcionando durante alguns meses na Rua de Sant’Ana à Lapa, 50.

Nessa altura, regista-se a mudança do nome para Oficinas S. José. Em 23 de abril de 1893, efetua-se a mudança para a Rua do Sacramento à Lapa, 25, onde os Salesianos assumiram a orientação pedagógica em 1896. A inauguração do novo edifício, na localização atual, aconteceu em 1906. Na sequência da revolução política de 1910, o edifício é requisitado para fins militares até 1920. Em 1925, com a chegada do salesiano Aquiles Marchetti, as artes gráficas tomam grande impulso e desenvolvimento. Em outubro de 1964, a Paróquia de Nossa Senhora dos Prazeres é confiada aos Salesianos. A partir dos inícios da década de 70, o ensino profissional, que caracterizou as Oficinas de S. José desde os seus primórdios, desaparece por completo. Pouco a pouco, vai sendo reduzido o internato e o ensino torna-se exclusivamente liceal.

Atualmente, a escola é composta pelos quatro níveis de ensino, primeiro, segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico, e Ensino Secundário, incluindo também atividades extracurriculares, desportivas, artísticas e culturais (desporto escolar e federado, Musicentro, British Council, Dança, Expressão Dramática, Informática). Desenvolveram-se igualmente ainda Campos de Férias, durante as interrupções letivas.

1.1. Projeto Educativo ³

A Escola Salesiana tem como origem o Oratório de Valdocco, onde D. Bosco, por iniciativa de Deus, desenvolveu a sua ação em favor dos jovens, especialmente dos mais pobres, e deu vida a um vasto movimento de pessoas que trabalham na formação de “honestos cidadãos e bons cristãos”.

Através da criatividade e da fecundidade do carisma salesiano, nasceu uma tradição educativa escolar e profissional que participa na missão da Igreja e no progresso civil.

a) A comunidade educativa salesiana

Os elementos da comunidade colaboram com os jovens da zona em que está implementada, na tentativa de encontrar respostas para as necessidades educativas e sociais por eles sentidas e para os ajudar a desenvolver as suas capacidades, criar atitudes e exercitar-se em comportamentos até à plena maturidade. Sustenta também o direito dos jovens escolherem percursos formativos coerentes com o próprio projeto de vida, sem ulteriores agravamentos económicos para as famílias.

b) A escola salesiana caracteriza-se:

- Pela preferência por jovens dos ambientes populares;
- Pela abertura aos jovens de outras culturas e religiões;
- Pela opção educativa que orienta intencionalmente a instrução para o crescimento global, segundo uma antropologia inspirada no humanismo cristão da tradição salesiana e aberta ao diálogo e ao confronto;
- Pelo primado da evangelização entendida como vocação e missão.

³ Cf. Projeto Educativo da Escola Salesiana - Província Portuguesa da Sociedade Salesiana - Coordenação de Escolas – Projeto Educativo, 2005.

- Pela recusa tudo aquilo que favorece a miséria, a injustiça, a violência e coopera com quantos constroem uma sociedade solidária, mais digna do homem.

A comunidade educativa salesiana empenha-se em compreender o contexto em que está inserida e em partilhar as esperanças dos jovens, fazendo uma leitura atenta do mesmo contexto, à luz da experiência educativa salesiana; valoriza os desafios que a sociedade e a cultura põem, hoje, à educação cristã dos jovens, as condições em que se realiza, o seu crescimento humano e religioso e as dificuldades que eles encontram no esforço de amadurecer como pessoas e como crentes; está atenta à procura de quantos se orientam para a escola salesiana, como ambiente e espaço pedagógicos, garante dos jovens que manifestam um interesse pela cultura ou vivem em situação de desconforto, de marginalização, de imigração, desenraizados da sua sociedade e culturas, em risco de perder a própria identidade e a mesma dignidade humana. Para todas estas situações empenham cada recurso para a projeção de respostas adequadas.

c) Núcleo de Educação Integral

A comunidade educativa salesiana oferece um caminho de educação integral, que parte das necessidades explícitas de cultura geral e de qualificação profissional para apontar para a qualidade da oferta pedagógica, cultural e didática; desenvolve a dimensão afetiva, social e política em vista de uma gradual participação na vida social e eclesial, na linha da transformação do mundo e da história; promove a orientação como modalidade educativa permanente para individualizar e desenvolver a capacidade de cada pessoa e construir a identidade pessoal e social num adequado projeto de vida; conduz os alunos a tornarem-se gradualmente responsáveis pelas suas escolhas no crescimento da sua humanidade na fé.

d) Vivência em comunidade: A comunidade educativa, uma verdadeira “família”

Segundo expressão de D. Bosco, os salesianos criam com os jovens uma “família”, uma comunidade juvenil onde os interesses e as suas experiências são devidamente considerados e acompanham o ato educativo. Os educadores não ensinam só, mas “estão próximos”, divertem-se, trabalham, estudam e rezam, em conjunto com os alunos. São pessoas disponíveis para estarem com os jovens e capazes de assumirem os seus problemas, mostrando-se “mestres na cátedra e irmãos no recreio”.

Na comunidade educativa salesiana entram, a título diverso, com igual dignidade e no respeito das vocações, dos papéis e das competências específicas, religiosos e leigos, pais, alunos e antigos alunos, unidos pelo pacto educativo e comprometidos a diversos níveis, nas estruturas de participação: conselho pedagógico, assembleia de docentes, conselhos de turma, e assembleias de pais. Existe também a possibilidade de os representantes dos alunos serem consultados.

e) Contributo original: no processo de ensino e aprendizagem

Na escola salesiana, tudo encontra inspiração no Evangelho e se introduz no encontro vivo e vital com o património cultural e profissional, em diálogo fecundo com a Revelação. A comunidade educativa, portanto, repensa, em vista da educação na fé, o sentido global da cultura, do trabalho, a atitude positiva para com conhecimento, a novidade das descobertas do homem, o ensino das diversas disciplinas e áreas culturais. Dentro de uma correta comunicação educativa, o aluno é ajudado a reestruturar, ativamente, os conteúdos e os métodos de aprendizagem, a exprimir o sentido das experiências e das certezas vividas e são também motivados a emitir livres juízos de consciência, clarificados e sustentados pelo diálogo com a Revelação cristã.

O professor/educador acompanha gradualmente o aluno em ordem a decisões pessoais livres e ações humanamente significativas, que lhe permitem realizar o próprio projeto de

vida, construir uma profissão, um contributo irrepetível para a comunidade civil e para a Igreja operar na concretização do quotidiano uma síntese vital entre fé, cultura e vida.

f) A escola como casa: o ambiente escolar e formativo

Segundo a tradição salesiana, a comunidade educativa favorece relações interpessoais entre docentes e alunos, para além das relações didáticas, para os acompanhar, e os orientar desse modo, nas suas aspirações. As atividades não se reduzem ao desenvolvimento do programa académico, mas abraçam outras exigências dos jovens, pelo que o tempo de permanência na escola se estende para além do horário escolar. Pessoas, espaço, tempo, relações, ensino, estudo, atividades diversas são organicamente interagentes num clima de serenidade, de alegria e de empenho. Tal clima solicita os jovens a pôr-se a pergunta implícita sobre o sentido da existência, qual o rumo da sua vida, enquanto são encaminhados para o trabalho e para o exercício de uma profissão e introduzidos na sociedade civil e na igreja.

g) Projetar o futuro: A formação dos educadores

Com a formação dos educadores (dirigentes, docentes, pais) a escola salesiana projeta o seu futuro, apostando na própria identidade, na qualidade da oferta e na própria possibilidade de um futuro próprio. A realização do modelo comunitário de vida e de educação vê todos os membros da comunidade educativa inseridos nos processos de crescimento integral e permanente.

h) Melhorar a oferta: a avaliação

A avaliação é considerada um instrumento de discernimento, de transferibilidade das iniciativas da escola. Diversas motivações tornam necessária a avaliação dos mesmos sistemas escolares e formativos e individualização de indicadores que relevem a relação entre os recursos usados, os processos ativados, os resultados educativos e didáticos obtidos. O

instrumento de avaliação global do processo de educação cristã ativado é constituído pelo Projeto Educativo.

i) A procura de qualidade e sucesso: racionalização dos recursos.

A exemplo de D. Bosco, os Salesianos empenham-se no trabalho e solicitam o apoio dos benfeitores, como ajuda para a escola, de modo a fazer face a quanto o estado não corresponde. A programação anual distribui em termos de pessoal, tempos, lugares a qualidade e a quantidade dos recursos e determina realisticamente as operações a cumprir, incluindo a avaliação. A revisão e a programação dos recursos são instrumentos indispensáveis de discernimento, de inovação das atividades e da escola.

1.2. Método Educativo – sistema preventivo de B. Bosco ⁴

Relativamente ao sistema educativo, o método educativo-pastoral de Dom Bosco é um estilo de educação, feito de ação e reflexão que pretende desenvolver no educando o protagonismo juvenil e o seu sentido de pertença à comunidade educativa, que através da experiência de Maria Mazzarello caracterizaram a proposta educativa salesiana das escolas orientadas por essa mesma ordem religiosa e pelas Filhas de Maria Auxiliadora.

Assim, esta escola esforça-se por ser popular, livre e aberta a todas as classes sociais e educar em dinâmica relacional e na partilha, dando preferência aos mais abandonados e em risco. Pretende ensinar e aprender com pedagogia de projeto, apresentar-se como família educadora, na qual os jovens encontram "a sua própria casa", realçando a personalização das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos, dar preferência às necessidades da zona, promover a solidariedade com os pobres e abandonados, tornar real a participação corresponsável de todos os membros da Comunidade Educativa e recorrer ao financiamento público para garantir a gratuidade da educação. Além disso, o conceito de promoção integral das pessoas exige que se ajude a dar vida à comunidade local, mediante o conhecimento e o cultivo da língua, dos costumes e da cultura da região.

O método educativo de Dom Bosco ajuda os alunos a terem uma maior responsabilidade social e cívica, com a finalidade de se “desinstalarem” e de promoverem atividades a favor da comunidade educativa, em atividades de solidariedade.

A educação para a solidariedade social permite aos alunos percorrerem o caminho da justiça, vivendo experiências baseadas na convivência, unidade, comunhão, reciprocidade, através da partilha e do dar sem receber nada em troca, o que me levou a utilizar dinâmicas que fomentam a partilha e o serviço ao próximo, que levam os alunos a disponibilizarem-se

⁴Cf. www.lisboa.salesianos.pt - acedido em 23/04/2014.

para experiências e atividades missionárias, de voluntariado social, onde se sentissem úteis e valorizassem os mais necessitados⁵.

O Método Educativo:

Como veremos ao longo deste trabalho, o Método Educativo deste colégio baseia-se em aspetos fundamentais para a vida do ser humano, um ser que é relacional.

1. Vontade de os educadores estarem entre os jovens, partilhando a sua vida, olhando com simpatia para o seu mundo, atentos às suas verdadeiras exigências e valores;
2. Acolhimento incondicional, força promocional e capacidade incansável de diálogo;
3. Critério preventivo que crê na força do bem presente em cada jovem, também no mais carente e procura desenvolvê-la mediante experiências positivas;
4. Centralidade da razão, que se torna bom senso das exigências e das normas, flexibilidade e persuasão nas propostas;
5. Centralidade da religião, entendida como desenvolvimento do sentido de Deus congénito a toda a pessoa e esforço de evangelização cristã;
6. Centralidade da «amorevolezza» (amor, “amorabilidade”, amabilidade), que se expressa como amor educativo que faz crescer e cria correspondência;
7. Um ambiente positivo tecido de relações interpessoais, vivificado pela presença amorosa, solidária, animadora e ativadora dos educadores e do protagonismo dos próprios jovens;
8. Um estilo de animação que crê nos recursos positivos do jovem.

Como aspetos fundamentais para o Método Educativo, na prática letiva procurei sempre fazer ligação com os conteúdos do programa, por isso, procurei realçar a valorização da pessoa humana, visando constituir, nas práticas dos alunos, atitudes e gestos que conduzam à construção de uma sociedade mais equilibrada do ser em relação com os outros, mais

⁵Cf. www.lisboa.salesianos.pt - acedido em 23/04/2014.

abertura aos outros que são diferentes. A ruptura com o egoísmo e vivência do amor, a autenticidade de fidelidade ao próprio projeto (vocação), a equivalência entre o que se é e o que se aparenta ser, a vontade de ser verdadeiro e a procura da verdade e aceitação de si mesmo. Ou seja, ser pessoa e proporcionar condições para que todos sejam pessoas.

1.3. Projetos solidários ligados à Escola – SolSal – Solidariedade Salesiana ⁶

Procurei transmitir o valor da solidariedade como medida educativa fundamental na promoção da cultura contemporânea, pois visa constituir, nas práticas dos alunos, atitudes e gestos que conduzam à partilha e à construção de uma sociedade mais equilibrada, encontrando aqui uma ligação clara com a dimensão relacional. Esta partilha e construção da sociedade que que o colégio responde com o Projeto SolSal, este que tem como MISSÃO acompanhar e formar crianças, adolescentes e jovens à luz do sistema preventivo de Dom Bosco, na expectativa de que lhes seja possível encarar o futuro com esperança e fé na inaudita capacidade humana de superar e se superar. O Projeto SolSal orienta-se pela VISÃO de querer ser uma referência no desenvolvimento de ações continuadas e permanentes de promoção da educação, a partir da ótica da solidariedade, da positividade, do afeto e do compromisso com a vida.

Os seus objetivos são:

1. Acompanhar e orientar crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade;
2. Educar para uma participação social ativa, responsável e solidária dos jovens promovendo a reflexão através de uma educação intrinsecamente evangelizadora;
3. Combater situações de carência económica e problemáticas com elas relacionadas;
4. Resgatar as redes comunitárias de suporte social como resposta primeira e essencial aos problemas do sujeito, substituindo o ênfase tradicionalmente dado às instituições e aos técnicos.

Teremos oportunidade de confirmar ao longo deste trabalho como estes objetivos têm resolução na dimensão relacional da pessoa humana.

⁶ Cf. www.lisboa.salesianos.pt - acedido em 23/04/2014.

1.4. Princípios orientadores e valores fundamentais

Nas “Oficinas de São José – Associação Educativa”, o processo educativo identifica-se com a atividade salvadora e santificadora da Igreja, compreende o sentido comunitário da experiência cristã, centra-se no diálogo cordial, no ambiente de alegria e na dedicação do educador, que é essencialmente um ato de relação. Orienta-se para a dimensão da Caridade evangélica.

As experiências transmitidas por Dom Bosco fundamentam-se na criação de um ambiente familiar saudável, aberto aos valores humanos e cristãos.

A educação comunitária surge como parte da formação integral desta escola, dirige-se para o bem comum e orienta-se para os valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade e que decorrem do reconhecimento da dignidade de todos os seres humanos e que reconhecem todos as pessoas como iguais.

Tem como características fundamentais a democratização do espaço escolar, através da participação de todos os alunos nos processos educativos, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação. O objetivo principal da educação comunitária é formar cidadãos conscientes e atentos ao seu papel na comunidade. Mais uma vez podemos encontrar aqui a importância do tema neste trabalho e fazer com que os alunos percebam que são responsáveis na tomada de decisões na comunidade, com a finalidade de a melhorar e até mesmo de a transformar.

2. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada (PES)

No ano letivo de 2011-2012 lecionava apenas há três anos EMRC, quando realizei a PES neste colégio.

Estava consciente das muitas competências a desenvolver e do longo caminho de aprendizagem a percorrer como docente.

A PES foi sem dúvida uma fase de aprendizagem bastante intensa e foram vários os elementos que se tornaram enriquecedores, desde as planificações até à lecionação e aos relatórios, como também o acompanhamento atento da professora orientadora cooperante nesta Unidade Letiva (UL) “A Pessoa Humana”. Estabeleci com a professora cooperante uma atmosfera afetiva/relacional de modo a facilitar o desenvolvimento normal do processo ensino-aprendizagem dos alunos. Foi um processo permanente de enriquecimento mútuo e de ajuda entre colegas, assente numa relação interpessoal saudável, autêntica, cordial e empática. Tudo isso foram ferramentas importantíssimas neste processo de aprender a ensinar e/ou aprender fazendo.

Não só a lecionação das aulas, como também o trabalho pessoal e o acompanhamento e reflexão conjunta com a professora cooperante, foram enriquecedores para desenvolver as minhas competências de reflexão sobre a prática.

Não basta que o docente seja um bom teórico; ele tem que se adequar a cada realidade/turma e aplicar estratégias específicas, pelo que podemos dizer que o papel do professor é um triplo desafio, conjugando as três dimensões: científica, pedagógica e relacional.⁷

No decorrer da PES refleti sobre o meu trabalho, fui crítico, ativo e interveniente, observei, refleti e investiguei a realidade que estava a trabalhar. Dei liberdade aos alunos; no

⁷ Cf. R. I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Mc Graw Hill, Madrid 2008, 17-18.

entanto, atuei de forma a despertar-lhes atitudes e valores, tais como a sensibilidade, a estética e moral, autoestima, sentido de responsabilidade e solidariedade.

O professor deve dominar a matéria que ensina e que tem de se preocupar com o bem-estar das crianças e jovens. Tem que ser alguém motivado, que reflita sobre o que faz e que procure continuamente melhorar os métodos de ensino, aumentando o seu reportório de práticas de ensino.

O professor tem funções de liderança, de instrução e de organização. Nos trabalhos realizados durante a PES conduzi sempre os alunos, planificando, motivando e facilitando a aprendizagem.

Os investigadores educacionais e os professores desenvolveram o que hoje se chama modelos de ensino: modelo objetivista/tradicional/centrado no professor e o modelo construtivista/centrado no aluno, este último que eu viria a privilegiar na PES. Estes pretendem descrever uma abordagem geral, ou plano para o ensino. As vantagens dos modelos de ensino, incluem uma base teórica coerente e de procedimentos e estruturas de ensinamentos específicos. Não se preconiza a utilização de um modelo único, mas sim que o professor deve poder seleccionar a abordagem mais adequada aos objetivos e à turma.⁸

A aprendizagem dos alunos não depende somente do que os professores fazem nas aulas, mas é também influenciada pelo seu trabalho com os pais. O professor é, assim, chamado a gerir processos organizacionais complexos, requeridos para a eficácia global da escola. Só a experiência, acompanhada de uma análise aprofundada, podem ajudar a desenvolver a arte de ensinar e a arte de liderar as relações.

A competência adquire-se com a experiência e, por isso, o professor não pode desanimar-se, nos primeiros anos, sentir dificuldade na transmissão das aprendizagens.

⁸ Cf. R.I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 17-18

Na medida em que adquirimos novas experiências, vamos crescendo e progredindo para novas fases mais complexas, que exigem do professor mais empenho, mais rigor prático e científico.

Segundo Arends, podemos considerar três fases:

- . sobrevivência nos primeiros dias de aulas de contato com os alunos;
- . situação de ensino que é a fase da confiança dos professores, pois a fase da sobrevivência já passou, e surge a necessidade de interação constante com os alunos;
- . fase da mestria e dos resultados, na qual os professores dominam os fundamentos do ensino e da gestão da sala de aula sendo, principalmente nesta fase, que os professores se preocupam mais e assumem plena responsabilidade pela aprendizagem dos alunos.⁹

A turma onde lecionei apresentava um bom nível intelectual e cultural, pelo que não foi necessário adaptar o programa de EMRC, seguindo apenas as orientações da professora cooperante. A unidade letiva lecionada foi a unidade “A pessoa humana”, que seguidamente apresento, contextualizando-a no programa atual de EMRC.

⁹ Cf. R.I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 2008, 14-15.

2.1. Unidade Letiva 1 para o 6º ano do Programa de EMRC “A Pessoa humana”

Foi um grande desafio lecionar numa realidade diferente, que me foi proposta no início da PES, pois a minha realidade diária numa escola na cidade de Évora é completamente diferente, onde podemos encontrar alunos de diferentes nacionalidades e etnias. O desafio tornou-se mais exigente para mim enquanto pessoa e professor.

Esta UL é algo exigente para estas idades, na medida em que faz pensar o que é este ser que é a Pessoa. Nos tempos que vivemos, a dignidade da pessoa humana é posta em causa, ou melhor, desvalorizada. Com a crise de valores que a sociedade atravessa, a escola é, por vezes, o local onde este tema pode ser trabalhado e, de um modo particular, nesta disciplina.

A turma, na qual tive a oportunidade de lecionar, o querer saber, o descobrir e o debater era algo que se fazia sentir bastante, o que exigia uma boa preparação das aulas.

No decorrer da leção, sempre com a supervisão da professora cooperante, as aulas decorreram a bom ritmo, quer nas questões relacionadas com a reflexão sobre a pessoa, quer sobre os seus valores e nas suas dimensões. Os alunos adquiriram os conhecimentos transmitidos, foram críticos ativos e intervenientes, refletiram e investigaram sobre o tema que estava a ser trabalhado.

Respeitei as opiniões dos alunos e dei-lhe liberdade criadora.

Este tema não é fácil de trabalhar em contexto de sala de aula. A maioria dos alunos compreendiam a mensagem transmitida, mas eu sentia que alguns deles tinham dificuldade em aplicar nas suas vidas. Ou seja, trata-se de uma questão relacional: relação com os outros, consigo mesmo, como mundo e também com Deus, como teremos oportunidade de ver mais à frente.

Esta questão torna-se ainda mais pertinente, porque os alunos que revelam vontade de aprender e de querer saber.

Ao olharmos para a UL, verificamos que os conteúdos não estão organizados da forma mais correta para nos facilitar a sua compreensão. É por isso necessária uma reorganização. A linha de pensamento começa com a questão “O que é a pessoa” até à dimensão espiritual e, seguidamente, aparecem conteúdos tais como os direitos e deveres do homem, atentados à vida humana e Direitos da criança, que não estão em articulação com o conteúdo anterior – Dimensão espiritual, o que na minha prática letiva me levou a concluir, que este facto leva os alunos a uma quebra no raciocínio, ou seja, não há uma ligação lógica entre os conteúdos.

Na experiência vivida na PES, verifiquei que os alunos deveriam ter mais facilidade em compreender o conteúdo “Deus é pessoa e estabelece com todos uma relação pessoal”¹⁰, se fosse lecionado após o conteúdo “Dimensão espiritual: a relação com o transcendente”¹¹. Desta forma seria evitada uma quebra no raciocínio, porque estes dois conteúdos estão relacionados e facilitariam um melhor compreensão.

Esta UL é muito rica nos seus conteúdos mas, em meu entender, não estão devidamente ordenados, sendo que, os conteúdos sobre o transcendente devem merecer uma melhor atenção, exigindo uma exploração minuciosa sobre estes temas e que devem estar numa sequência lógica e não misturados como já referi.

Ao longo de toda a leção, este foi um dos pontos que mais se realçou em diálogos com a professora cooperante.

Nesta Unidade Lectiva, era fundamental que os alunos tomassem consciência da integralidade da pessoa humana, assim como da necessidade de educar todas as dimensões que a constituem. Adquire especial significado, no mundo de hoje, o conhecimento dos direitos humanos que permitem reconhecer a dignidade da pessoa humana, à luz da mensagem cristã.

Deu-se especial destaque à pessoa enquanto ser em relação. Uma relação que se materializa no encontro consigo próprio, com os outros, com o mundo e com Deus.

¹⁰ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensinos Básicos e Secundário*, SNEC, LISBOA 2007, 91-92.

¹¹ Cf. *Ibidem*.

Por último, pretendeu-se que os alunos fossem capazes de olhar à sua volta e interpretassem criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura fundada num universo coerente de valores humanistas e cristãos, orientadores do comportamento.

O programa de EMRC do sexto ano de escolaridade propõe começar a trabalhar a Unidade Lectiva sobre “A pessoa humana”¹², partindo definição da palavra “pessoa”, sugerindo uma abordagem a partir de três dimensões constituintes: a dimensão física, a dimensão racional e a dimensão volitiva. Nos conteúdos que correspondem à operacionalização da competência «interpretar produções culturais sobre as dimensões da pessoa humana, no reconhecimento da sua dignidade” o programa de EMRC responde de imediato à pergunta “o que é a pessoa?” com o conteúdo “estrutura individual (unidade irrepetível)”. Só posteriormente a pessoa aparece como “estrutura pessoal (ser em relação com os outros)”¹³.

Da interligação e interdependência das três dimensões constituintes (física, racional, volitiva), surgem outras dimensões da pessoa: dimensão afectiva e sexual e dimensão espiritual.

Esta abordagem a partir das dimensões da pessoa, pode dar uma ideia espartilhada da pessoa, pondo em causa a sua unidade antropológica. O ponto de partida terá de ser outro: a dimensão relacional. O programa parece dar especial relevo a estas três dimensões empurrando para segundo plano outras dimensões, que na minha opinião, por serem transversais, mereceriam um lugar de maior destaque, tais como: a dimensão afectiva e sexual e a dimensão espiritual, já referidas.

É possível verificar que a dimensão espiritual não aparece como um conceito principal, mas sim como um conceito secundário, retirando-lhe a importância que ela deve adquirir na disciplina de EMRC. No programa é proposto que se trabalhe esta dimensão

¹² Cf. *Ibidem*.

¹³ Cf. *Ibidem*.

apenas em terceira prioridade¹⁴. Falta dar-lhe um lugar de maior destaque, acentuando-a como uma dimensão transversal a todas as outras.

¹⁴ Cf. *Ibidem*.

2.2. Competências, Conteúdos e Mapa Conceptual da UL 1

Para esta UL o programa propõe as seguintes competências¹⁵:

1. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.
5. Interpretar produções culturais (literárias, pictóricas, musicais ou outras) que utilizam ou aludem a perspectivas religiosas ou a valores éticos.
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
9. Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
10. Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
12. Relacionar-se com os outros com base nos princípios de cooperação e solidariedade, assumindo a alteridade e diversidade como factor de enriquecimento mútuo.
14. Identificar o núcleo central constitutivo da identidade do Cristianismo, particularmente do Catolicismo.
23. Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraíndo significados adequados e relevantes.
24. Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas de vida quotidiana.
25. Interpretar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.
26. Apreciar produções estéticas de temática cristã, de âmbito universal e local.

Para estas competências, o programa propõe a seguinte operacionalização e respectiva lista de conteúdos, originando a seguinte tabela¹⁶:

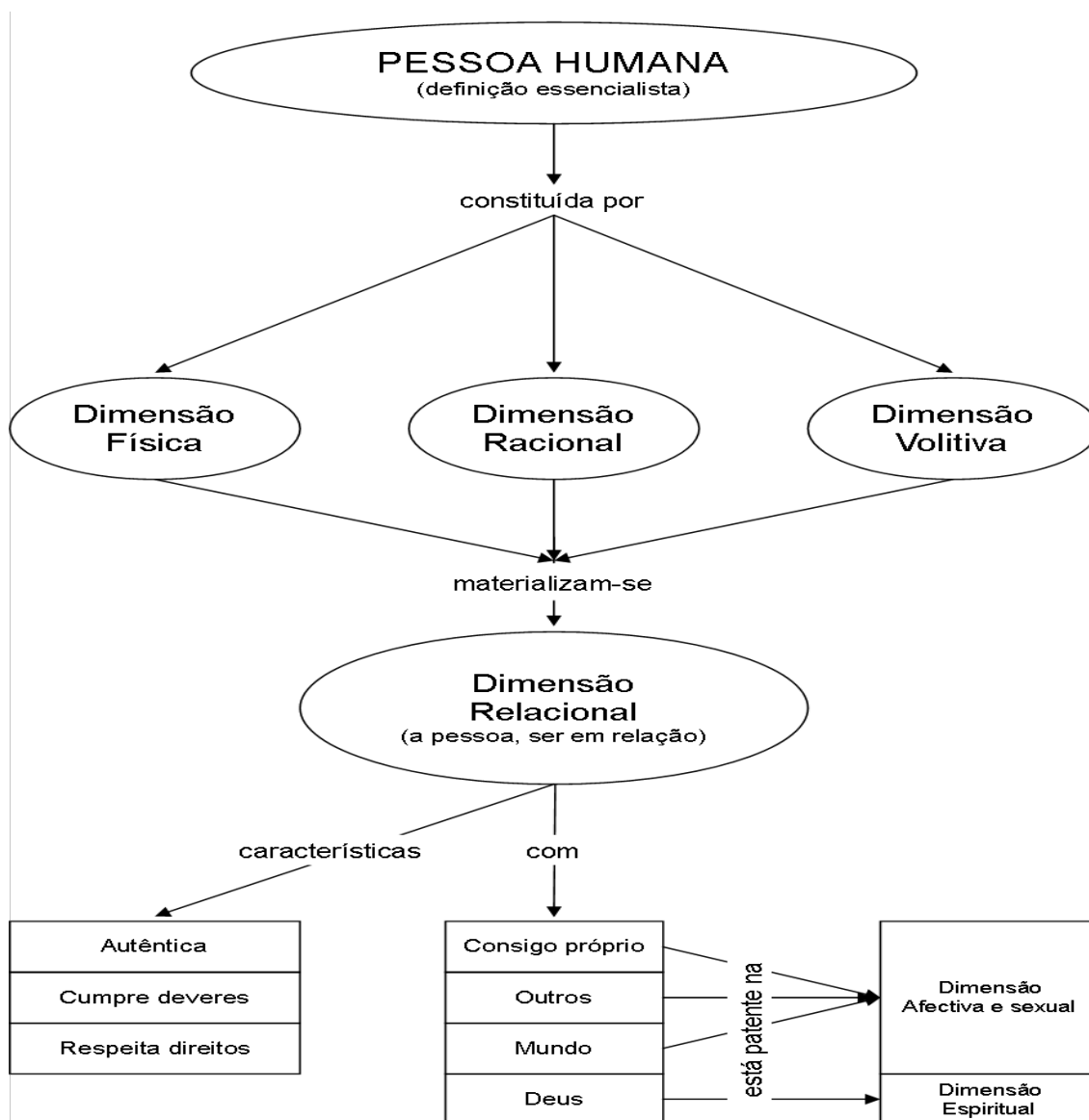
¹⁵ Cf *Ibidem*, 91-92.

¹⁶ Cf *Ibidem*, 91-92.

<i>Operacionalização das Competências</i>	<i>Conteúdos</i>
1. Interpretar produções culturais sobre as dimensões da pessoa humana, no reconhecimento da sua dignidade. (Comp. 1 e 5)	<ul style="list-style-type: none"> • O que é a pessoa? • Estrutura individual (unidade irrepetível) • Estrutura pessoal (ser em relação com os outros) • Dimensão física, racional e volitiva (ser livre)
2. Organizar um universo de valores orientado para a relação com os outros, a cooperação, a solidariedade e a vivência do amor. (Comp. 9 e 12)	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão afectiva e sexual <ul style="list-style-type: none"> ➢ A dimensão sexual abrange a totalidade da pessoa: corpo, vontade, afectividade, etc. ➢ Abertura aos outros que são diferentes: a linguagem do corpo na comunicação com os outros ➢ Ruptura com o egoísmo e vivência do amor
3. Interpretar e apreciar produções estéticas sobre a relação da pessoa com Deus, reconhecendo nela um aspecto central da mensagem cristã. (Comp. 14, 25 e 26)	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão espiritual: a relação com o transcendente
4. Organizar um universo de valores orientado para a autenticidade. (Comp. 9)	<ul style="list-style-type: none"> • A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação), equivalência entre o que se é e o que se aparenta ser; vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade; aceitação de si mesmo
5. Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana. (Comp. 1 e 9)	<ul style="list-style-type: none"> • Ser dotado de direitos e de deveres: <ul style="list-style-type: none"> ➢ Declaração Universal dos Direitos do Homem ➢ Convenção sobre os Direitos da Criança
6. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais em que a dignidade e os direitos das crianças não são salvaguardados. (Comp. 1, 6 e 9)	<ul style="list-style-type: none"> ➢ Atentados aos direitos das crianças: doenças que facilmente poderiam ser curadas; subnutrição e fome, que por vezes conduz à morte; prostituição infantil; trabalho infantil; abandono pelas famílias ou por quem as suas vezes fizer; mendicidade ao serviço dos outros; consequências da desintegração matrimonial e familiar; tráfico de crianças; maus-tratos na família...
7. Organizar um universo de valores fundado na salvaguarda da dignidade e dos direitos das crianças. (Comp. 1 e 9)	<ul style="list-style-type: none"> ➢ A UNICEF e a luta pela construção de um mundo onde todas as crianças tenham condições de existência dignas
8. Interpretar textos bíblicos que evidenciem o carácter pessoal de Deus como elemento fulcral da mensagem cristã, reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana. (Comp. 14, 23 e 24)	<ul style="list-style-type: none"> • Sl 139(138): Deus é pessoa e estabelece com todos uma relação pessoal
9. Mobilizar os valores da dignidade humana, da cooperação e da solidariedade em ordem a orientar o comportamento em situações do quotidiano. (Comp. 1, 10 e 12)	<ul style="list-style-type: none"> • Ser pessoa e dar condições para que todos sejam pessoas

Nos conteúdos da UL1 encontramos temas importantes da mensagem cristã, mas temos o grande tema: “A Pessoa Humana”, que se divide nas várias perspetivas que devem ser trabalhadas nas aulas.

Figura 1. Apresenta o mapa conceptual¹⁷ da UL “A Pessoa Humana”, como nos é proposta pelo programa da disciplina, e seguidamente uma breve explicação:



¹⁷ Os mapas conceptuais são representações esquematizadas de informação que permitem demonstrar facilmente relações de significado e de hierarquia entre ideias, conceitos, fatos ou ações. Tal como o termo “mapa” indica, esta ferramenta de organização de informação recorre a uma simbiose entre linguagem gráfica e textual e a uma disposição em rede ou “arborescente” por contraste com a tradicional leitura linear da informação com que estamos habituados a lidar em textos e livros. Os mapas conceptuais possuem, entre outros usos, um reconhecido potencial de utilização pedagógica, têm regras de construção específicas que são simples e de fácil execução. São considerados por estes motivos como ferramentas de aprendizagem que servem para sintetizar e estruturar conhecimentos e servem igualmente para transmitir esses conhecimentos. Cf. NOVAK, J e GOWIN, B. *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano, 1996. 25-32.

Nesta Unidade Letiva, era fundamental que os alunos tomassem uma consciência integral da pessoa humana, bem como todas as dimensões que a constituem.

Aqui podemos ver a grande falha, na pessoa enquanto ser em relação, que poderemos ver na parte III como proposta para o programa, uma relação que se materializa no encontro consigo próprio, com os outros, com o mundo.

Por último, pretendeu-se que os alunos fossem capazes de olhar à sua volta e interpretassem criticamente episódios históricos e fatos sociais, a partir de uma leitura fundada num universo coerente de valores humanistas e cristãos, orientadores do comportamento.

Do conjunto das três dimensões constituintes (física, racional, volitiva), surgem outras dimensões da pessoa: dimensão afetiva e sexual e dimensão espiritual. Foi, aliás, essa a linha, por nós seguida, na planificação¹⁸ da Unidade Lectiva que está também expressa no mapa conceptual concebido (figura1).

No mapa conceptual apresentado na figura 1 a dimensão espiritual não aparece como um conceito principal, mas sim como um conceito secundário, retirando-lhe a importância que ela deve adquirir na disciplina de EMRC. No programa é proposto que se trabalhe esta dimensão apenas em terceira prioridade. Ou seja, carece de um lugar de maior destaque, acentuando-a como uma dimensão transversal a todas as outras.

Também a dimensão afectiva e sexual merece um lugar mais predominante. No mapa conceptual apresentado aparece também como um conteúdo secundário.

Depois desta análise que incidiu sobre a Unidade Letiva, proponho-me na parte II, que se segue, fundamentar filosófica e teologicamente o conceito relacional de pessoa humana, atendendo à reflexão atual no âmbito da antropologia cristã, que servirá como ponto de partida para a reorganização da Unidade Letiva, levada a cabo na parte III.

¹⁸ As planificações desta UL encontram-se no portefólio da PES.

Parte II

Reflexão teológica sobre a dimensão relacional da pessoa

(a partir da antropologia cristã)

Com este relatório, pretendo também fundamentar teologicamente o conceito relacional da pessoa humana, atendendo aos últimos avanços da antropologia cristã, tendo em vista uma ontologia de relação. É a partir desta reflexão que sairá uma proposta para a parte III do relatório.

Esta fundamentação terá como base o conceito de pessoa em Juan Luís Ruiz de la Peña, professor de antropologia teológica na Pontifícia Universidade de Salamanca, procurando “tematizar a peculiar dignidade da criatura humana com uma categoria específica que expresse a irredutibilidade ao infrahumano e verta adequadamente o conceito de ‘Imagem de Deus’”¹⁹. Segundo Ruiz de la Peña, o trânsito deste conceito não se faz da antropologia para a teologia, mas sim de forma inversa, ou seja, foi a partir da experiência de Deus que o homem aprofundou a sua dignidade pessoal, procurando o termo adequado que refletisse essa experiência²⁰.

Ruiz de la Peña foi protagonista da renovação teológica contemporânea, apresentando um pensamento consistente e inovador, onde assumiu particular relevo uma preocupação em fundar ontologicamente o valor único e irrenunciável da pessoa²¹.

Aprofundarei o conceito de pessoa apresentando o seu pensamento nos seguintes momentos: O homem enquanto pessoa, a pessoa como ser em relação.

¹⁹ RUIZ DE LA PEÑA, J. L.. *Imagen de Dios. Antropología teológica fundamental*. Santander: Sal Terrae, 1998. p. 154.: “tematizar la peculiar dignidad de la criatura humana con una categoría específica que exprese su irredutibilidad a lo infrahumano y vierta adecuadamente el concepto bíblico de “imagen de Dios”. Para além da fundamentação de Ruiz de la Peña, baseei-me também na reflexão feita por António Martins, professor na Faculdade de Teologia de Lisboa da Universidade Católica, sobre o pensamento teológico do teólogo espanhol.

²⁰ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 154.

²¹ Cf. MARTINS, A. M. (2003). *A condição corpórea da pessoa*. Estudo sobre a antropologia teológica de J.L. Ruiz de la Peña. (1937- 1996). Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana, p. 11.

1. O homem enquanto pessoa

A história do conceito de “pessoa” em Ruiz de la Peña

De onde e como é que nasceu a ideia de pessoa?

A história mostra-nos, que o percurso realizado, da antropologia à teologia, depende da experiência que o homem tem de si mesmo à interpretação que faz do ser divino, ou por outras palavras, a imagem que o homem tem de Deus.

Para o teólogo alemão Pannenberg, é a partir da procura do divino e da sua relação com Ele que o homem que se auto compreende a si próprio..., de modo que “a origem do conceito pessoa se encontra no terreno da experiência religiosa, no encontro com a realidade divina”²².

A Bíblia não utiliza o termo pessoa, mas descreve o homem através de uma tríplice relação: Deus, mundo e tu humano. Esta tríplice relação faz do homem bíblico um ser relacional e, como iremos ver a diante, a ideia de pessoa tem muito a ver com o relacionamento. Das três relações, a que mais se destaca é a teologal. Dela, o homem extrai a persuasão, da sua superioridade sobre o entorno mundano e inclusive a consciência do “eu próprio” como sujeito.

Este conceito foi moldado nos séculos IV e V, daí ser algo completamente estranho ao pensamento grego clássico²³. Para os filósofos gregos, o homem é apresentado como microcosmos, como uma abreviatura da natureza, sendo a sua individuação interpretada como degradação da unidade original. Com a Patrística chega-se à distinção, tanto terminológica como metafísica, entre natureza ou essência e sujeito ou pessoa, introduzindo-se, assim, uma concepção relacional²⁴. O que Deus é na sua natureza divina realiza-se em três sujeitos distintos, sem que a mesma natureza comum se multiplique: “Constatou-se, deste modo, que o que constitui os sujeitos divinos, o que faz que Deus seja Pai, Filho e Espírito, não é a

²² Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 154

²³ Cf. L. F. LADARIA, *El Dios vivo y verdadero. El misterio de la Trinidad*, Salamanca 1998, 211-228; 261-276.

²⁴ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. Lisboa, 2009. 104.

natureza, o esse in, que é comum e único, mas sim a relação, o esse ad. Deus não é só logos, a ideia pura e intransmissível; é dia-logos, capacidade infinita de abertura comunicativa e realização consumada dessa capacidade”²⁵. Contudo, não se verifica, na Patrística, qualquer aplicação antropológica da noção relacional de pessoa desenvolvida em âmbito trinitário e cristológico. A dimensão relacional não deixa, todavia, de estar presente, mas é descrita através da expressão bíblica “imagem de Deus”²⁶.

A elaboração antropológica do conceito de pessoa pertencerá à teologia medieval.

Marco decisivo neste processo é a definição de Boécio²⁷ sobre pessoa: “substância individual de natureza racional”. A natureza humana é caracterizada pela racionalidade. O papel que a relação jogava na constituição das pessoas divinas silencia-se. O essencialismo da ontologia grega recupera o primeiro plano com o substantivo substantia. De notar também que a corporeidade é a outra grande ausente, juntamente com a relação, desta definição²⁸.

O essencialismo boeciano será mais tarde corrigido por Ricardo de S. Victor: “Pessoa existe por si só segundo um certo modo singular de existência racional”²⁹. A pessoa passa a ser colocada no âmbito metafísico da existência (relação de origem) e não da essência;. Acentua-se ainda a autossuficiência e a incomunicabilidade da pessoa, enquanto a dimensão corpórea continua ausente³⁰.

O teólogo de Salamanca não mostra alguma simpatia ao legado de São Tomás, que pretende desenvolver com a dimensão relacional própria da filosofia contemporânea. Da escolástica medieval matem o conceito de substancialidade, corrigindo o excesso

²⁵ J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 156.

²⁶ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 104.

²⁷ Boécio apresenta pela primeira vez uma definição antropológica de pessoa: substância individual de natureza racional, onde existe uma clara desvalorização, ou mesmo supressão do corpo e uma valorização da razão, que leva a uma compreensão da pessoa centrada exclusivamente na dimensão racional, excluindo a dimensão relacional. Há também uma perspectiva essencialista, expressa pelo substantivo “substância”.

²⁸ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 158.

²⁹ MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 105.

³⁰ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 159.

substancialista que excluía da noção de pessoa reduzindo-a à individualidade e à racionalidade. Acolhe também, da filosofia contemporânea o conceito de relação³¹.

Para Ruiz de la Peña, São Tomás é do ponto de vista antropológico herdeiro de Boécio. Define a pessoa como um ser subsistente numa natureza racional. A dimensão relacional é excluída, predominando uma linha essencialista. No entanto, o conceito de pessoa em São Tomás tem dois usos: o antropológico antes apresentado e o trinitário, que estão em aparente contradição. O uso trinitário do conceito de pessoa, como ser em relação, refere-se apenas às pessoas divinas e nunca às criaturas. São Tomás exclui a relação como constitutivo da pessoa humana³².

Pessoa “é o mais perfeito de toda a natureza, a saber, o ser subsistente numa natureza racional”³³. Mais uma vez a relação é excluída como constitutivo da pessoa humana, ainda que S. Tomás a mantenha nas pessoas divinas. No fundo desta posição, late o velho preconceito aristotélico contra a relação; esta é acidente, não substância³⁴.

A concepção antropológica de pessoa forjada pela filosofia medieval não deixa de sublinhar o predomínio da dimensão substancialista em detrimento da dimensão relacional. A ausência da dimensão relacional fez cair a antropologia numa solidão individualista e subjetiva de pessoa. O percurso da filosofia moderna não fará senão reforçar esta dimensão. A teoria cartesiana vê o ser humano como sujeito relacionado unicamente consigo; a pessoa deixa de ser uma grandeza ontológica, para reduzir-se a dado psicológico³⁵. O idealismo alemão, por seu lado, sacrificará o eu pessoal ao Espírito absoluto; o marxismo clássico submergirá a subjetividade da pessoa no anonimato coletivista da sociedade. Esta tendência

³¹ MARTINS, A. A condição corpórea da pessoa. 12.

³² Cf. RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *Imagen de Dios*, pp. 159-160; BUENO DE LA FUENTE, E. “De la sustancia a la persona. Paradigma del encuentro de la filosofía e la teología”. *Revista Española de Teología*, 1994, 54, p. 280.

³³ MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*, 105.

³⁴ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 160; L. F. LADARIA, *El Dios vivo y verdadero, El misterio de la Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1998. 267-278.

³⁵ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 161.

de desontologização da pessoa agrava-se ainda mais com as tendências reducionistas do existencialismo de Sartre e de Heidegger, em que a essência é sacrificada à existência³⁶.

É através da filosofia contemporânea, nomeadamente da fenomenologia de Husserl e do personalismo de Max Scheler que se recupera a dimensão relacional no conceito de pessoa. O personalismo pretende arrancar o homem da massificação, do materialismo, do idealismo³⁷. “O momento fundacional da pessoa são as suas relações essenciais com o mundo, com Deus, com o próprio corpo e, por fim, com os outros, com quem forma uma comunidade”³⁸. O personalismo dialógico, sobretudo por M. Buber, trás para a filosofia contemporânea a dimensão relacional da pessoa. A pessoa é uma subjetividade aberta ao mundo e ao outro, uma intersubjetividade, um eu-tu. Buber fala de um “tu inato”, dum “à priori da relação” que possibilita que o eu e o tu cheguem a ser eles mesmos. Acrescenta ainda que esse “tu inato (...) se realiza plenamente na relação imediata com o Tu que pela sua própria essência não se pode converter nele”³⁹.

³⁶ Cf. J. L., RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 167-171

³⁷ Cf. BUENO DE LA FUENTE, E. “De la sustancia a la persona. Paradigma del encuentro de la filosofía e la teología”. *Revista Española de Teología*, 54, p. 280.

³⁸ MARTINS, A. M.. A condição corpórea da pessoa, p. 81.

³⁹ BUBER, M. *Que és el hombre?* Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1984 p. 113.

2. A pessoa como ser-em-relação

2.1. A dimensão teologal

Ruiz de la Peña traz uma novidade na medida em que faz um esforço para superar a contradição antes anunciada do desenvolvimento histórico do conceito de pessoa.

Também Bueno de la Fuente, catedrático de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia do Norte de Espanha (Burgos), reclama a necessidade de encontrar o posto adequado entre a categoria de substância e a de relação no conceito de pessoa⁴⁰.

Ruiz de la Peña, segundo a análise de António Martins, “perante o risco de uma concepção abstracta e fechada de pessoa como sujeito que dispõe de si próprio, introduz a dimensão relacional. E o ponto de partida, ainda que fugaz, é a analogia com o ser pessoal divino. Tanto no ser pessoal divino como no ser pessoal humano, é a relação que especifica o ser pessoa”⁴¹.

Como já foi referido, a bíblia não possui a palavra pessoa, mas sim a ideia. Esta aparece na descrição bíblica do homem como ser relacional. Segundo o pensamento bíblico, a relação com Deus é a primeira e fundamental das três relações constitutivas (Deus, mundo e tu humano). Se o homem é criado como “imagem de Deus”, significa que Deus entra na auto-compreensão do homem; a ideia da afinidade Deus-homem é “a expressão veterotestamentária daquilo a que chamamos pessoalidade”⁴².

O Deus da religiosidade judaica não é para o ser humano o estranho, o alheio, do mesmo modo que não pode dizer-se do homem a quem amou ou aquém odiou, que seja absolutamente outro; “ele é meu de certo modo muito verdadeiro, sempre que eu não posso

⁴⁰ Cf. BUENO DE LA FUENTE, E. “De la sustancia a la persona. Paradigma del encuentro de la filosofía e la teología”, 1994. p. 283.

⁴¹ MARTINS, A. M. *A condição corpórea da pessoa*, pp. 82-83.

⁴² J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 176.

compreender-me a mim sem ele”⁴³. O conceito de imagem é um conceito relacional, onde a relação do homem com o próprio Deus é fundante de toda a sua capacidade relacional, da sua personalidade. A condição ontológica originária do ser humano é, portanto, relacional. Deus de modo nenhum aparece como um ser absolutamente estranho ou distante. Pelo contrário, Deus é sempre a segunda pessoa da relação e nunca um outro. Por isso mesmo, não tem sentido, segundo a Escritura, a alternativa “ou eu ou ele”, posta em circulação pelo ateísmo humanista. À relação Deus-homem aplica-se a singular dialéctica *tu-eu*: “O tu não é o eu, mas tão pouco é o outro; é uma parte real do eu na comunhão do *nós*. O eu não se afirma negando o tu amado – ou odiado -, mas abraçando-o - ou recusando-o – na simbiose de uma existência dialogalmente partilhada”⁴⁴.

O homem não consegue captar-se na sua singularidade pessoal se se passa por cima do encontro com Aquele que é o seu referente primeiro, do qual surge o próprio ser humano, independentemente da sua condição de justo ou de pecador. A personalidade própria do homem, enquanto ser de relação, radica na sua relação originária com o próprio Deus: “Só um ser pessoal por excelência pode conferir personalidade à sua criatura, e confere-a, de facto, quando é percebido como o tu dessa criatura”⁴⁵. Mais nenhuma outra relação possui essa virtude pessoalizante. Inclusive as próprias relações interpessoais precisam do apoio da “personalidade transcendente divina” para não se coisificarem nem caírem numa mera funcionalidade.

Tal como a relação eu-tu induz uma “respetividade recíproca”, a mesma reciprocidade não poderá estar ausente na relação Deus-homem. Não somente, assim como Deus é o tu do homem, como também o homem é o tu de Deus. É nesta mesma reciprocidade relacional que o homem é, divinamente, criado pessoa. Deus ao criar o homem, não cria mais uma natureza entre outras, mas um tu. Deus cria o homem, chamando-o pelo seu nome, colocando-o perante si como um ser responsável sujeito do diálogo interpessoal. Cria, não um mero objeto da sua

⁴³ J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 176.

⁴⁴ *Ibidem*, 177.

⁴⁵ *Ibidem*.

vontade, mas um ser correspondente, capaz de responder ao tu divino porque é capaz de responder a partir do próprio eu. Deus cria uma pessoa⁴⁶. Por isso, é a partir desta relação fundante da própria personalidade, que derivam as demais relações constitutivas do ser humano, a mundanidade e a sociabilidade. Estas são possíveis porque advêm a alguém já “predisposto” à tal referência pela sua abertura originária a Deus, que fez do homem uma entidade subsistente e preferível⁴⁷.

O homem, antes de mais é pessoa, pela sua referência originária a Deus. A relação da pessoa com Deus constitui o fundamento de todas as outras relações. O nosso ser relacional com os outros e com o mundo é a expressão da nossa relação fundamental com Deus⁴⁸. Assim se demonstra que ser pessoa é uma categoria teológica, pois diz ser de relação, capacidade de diálogo com um tu, isso que o homem é por sua raiz primeira enquanto imagem de Deus⁴⁹.

A dimensão dialógica do homem com o seu semelhante constitui uma concretização e especificação da abertura relacional a Deus. O diálogo com o tu divino realiza-se iniludivelmente no diálogo com o tu humano. A relação interpessoal apresenta-se como a única garantia, a única prova apodíctica de que o homem responde amorosamente a Deus. A relação com Deus passa sempre pela mediação da imagem de Deus que o outro é. Quem venera e respeita a imagem de Deus, respeita Deus ainda que o não reconheça explicitamente. Bem como, quem não aceita o diálogo com a imagem, não aceita a Deus ainda que o confesse explicitamente⁵⁰, porque o outro é também um tu a quem Deus se dirige. O “absoluto absoluto” de Deus funda o “absoluto relativo” do homem⁵¹. É o reconhecimento do outro enquanto valor absoluto, teologalmente fundado, que resgata a pessoa da sua contingência, do reducionismo da sua aparência. Conferir a alguém valor absoluto é estar intuindo no outro o

⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 177-178.

⁴⁷ Cf. *Ibidem*, 178.

⁴⁸ Cf. L. F. LADARIA, *Antropologia teologica*, Madrid – Roma: Universidade Pontificia Comillas, Universitá Gregoriana, 1983.159-160.

⁴⁹ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 106.

⁵⁰ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 180.

⁵¹ Cf. *Ibidem*, 182.

reflexo enigmático do mistério a quem chamamos Deus. Tal constitui um autêntico ato de fé, pois só a fé sabe ler nas aparências e compreender a realidade que late debaixo das mesmas. A ausência de um fundamento absoluto tornaria vulnerável a afirmação do homem como valor e a obrigatoriedade da sua inviolabilidade e dignidade⁵².

Ruiz de la Peña acrescenta ainda uma fundamentação cristológica. Cristo une-se a toda a humanidade e a cada homem na sua encarnação. “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente”⁵³. É em Cristo, Verbo encarnado, que se revela verdadeira e plenamente a pessoa humana. Somos chamados a ser filhos no Filho. A pessoalidade, teologicamente falando, coincide com a filiação divina. A pessoa humana é revelada em Cristo, no seu destino último de filho de Deus. Em Cristo, o homem realiza a plena relação pessoal com Deus, Ele é o mediador de toda a relação com o Pai⁵⁴.

O homem será mais pessoa quanto mais viver na dimensão filial. Ser filho é viver na dádiva do próprio Cristo. O homem aceita-se como dom de Deus para se realizar no dom da própria vida, na doação. Afirma Ruiz de la Peña: “Se Deus existe, a minha é uma existência gratuitamente conferida, e essa gratuidade da minha existência dispõe-me a entendê-la e a vivê-la como livre auto-doação”⁵⁵.

⁵² Cf. *Ibidem*, 181-182.

⁵³ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral. *Gaudium et Spes*. Sobre a Igreja no mundo atual. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1987, no 22.

⁵⁴ Cf. MARTINS, A. M. A condição corpórea da pessoa, p.89-90.

⁵⁵ RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *Imagem de Dios*, pp. 182-183.

2.2. A sociabilidade do ser pessoa

O homem nasce com duas heranças: a genética e a cultural⁵⁶.

As primeiras etapas da vida humana exigem de tal forma a comunidade que sem ela essa vida não consegue realizar-se humanamente. No início da educação o ser humano vai amadurecendo como pessoa na adoção de ideias, valores, costumes, etc., que lhe são subministrados pelo o grupo social a que pertence⁵⁷.

A referência ao outro constitui um dado primário da condição humana. De facto, nenhuma pessoa adquire identidade própria senão na relação com os outros, estruturando a sua personalidade através de laços de pertença a uma comunidade, a um meio, a um tecido relacional. A consciência do nosso próprio eu resulta do confronto relacional e dialógico com os outros. É a relação que nos pessoaliza e nos socializa. Daí que a comunidade e as necessárias estruturas sociais que a sustentam, não sejam obstáculo à plena realização da pessoa, mas à sua própria condição de possibilidade. A sociabilidade constitui, pois, um fator iniludível de humanização e personalização da pessoa; está na génese do desenvolvimento e consolidação do seu ser⁵⁸. Muito mais do que determinado pelo seu equipamento biológico, o homem é determinado pela cultura, pelo meio social em que se insere.

A fé no Deus trino tem por base o fato de que Deus se revelou e comunicou em liberdade ao homem. Depois de várias modulações, Deus revela-se de forma definitiva em Jesus Cristo como Deus trino. No acontecimento de Jesus Cristo, Deus manifesta ao homem a sua realidade mais íntima: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigénito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1, 18). Nesse acontecimento partilha com os homens a sua própria vida. Nem Jesus, nem o Espírito Santo são mediações de Deus. No acontecimento de Jesus Cristo Deus descobre-se a si mesmo. Em Jesus de Nazaré e na força do seu Espírito,

⁵⁶ Cf. *Ibidem*.

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 204-205.

⁵⁸ Cf. L. F. LADARIA, *Antropologia Teológica*, 163; J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 204-205. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 110.

Deus mesmo vem ao encontro do homem. Tanto Jesus como o Espírito Santo são Deus, não são distintos de Deus, fazem parte da essência divina⁵⁹.

O ser pessoa é definido pela relação, de modo análogo, a relação define também o ser pessoa em termos humanos. A comunhão das pessoas divinas constitui, por isso o fundamento ontológico da realização da pessoa humana como ser de comunhão e de sociabilidade. Assim, a vocação comunitária, é um constitutivo ontológico do próprio ser imagem de Deus. O homem é imagem de Deus, ou seja pessoa, não apenas individualmente considerado mas, sobretudo, em sua vocação relacional para criar e viver em comunhão com os seus semelhantes⁶⁰.

Deus cria o homem como ser de relação e chamado a realizar-se comunitariamente. Na imagem divina, que é o homem, há uma complementaridade entre singularidade e pluralidade. Deus decide criar o homem num plural de deliberação, numa relação consigo próprio: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gn 1,26). Mas esta relação consigo próprio supõe uma diferenciação em si próprio, ou seja, Deus cria o homem, cria o homem e a mulher.

A complementaridade sexual e relacional homem-mulher constitui um exemplo particularmente claro da sociabilidade humana⁶¹. É na alteridade com o tu que se explicita e se reconhece a individualidade própria: “Esta sim, é osso dos meus ossos, e carne da minha carne” (Gn 2,23). O homem é imagem de Deus não no isolamento mas na alteridade sexual, na orientação a um tu, que determina um nós relacional: “Os dois serão uma só carne” (Gn 2,24). Tal não significa que a personalidade do homem ou da mulher seja eliminada, mas que

⁵⁹ Cf. GRESHAKE, G. *Creer en el Dios uno y trino*. Sal Terrae. Santander, 2002, pp. 14-15. Para Ladaria esta essência divina é ao mesmo tempo una e trina, ou seja, o Deus uno não é uma essência divina que num segundo momento se desdobra em três pessoas. Estes dois aspectos são igualmente originários. A unidade da essência divina é possuída pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo inteiramente e cada um à sua maneira. Só na mútua implicação da unidade e da trindade temos a revelação plena de Deus. A manifestação do Deus uno e único na história da salvação dá-se de forma progressiva, ou seja, o crescimento no conhecimento da unidade divina é ao mesmo tempo crescimento no conhecimento do Deus tripessoal. O Deus uno é o Pai, o Filho e o Espírito Santo intimamente unidos na unidade das três pessoas. Cf. LADARIA, L. *El Dios vivo y verdadero. El misterio de la Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1998. pp. 366-367.

⁶⁰ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 208.

⁶¹ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 111.

adquira uma nova conotação na relação conjugal. Da união entre marido e esposa nasce, de algum modo, uma personalidade comum, um eu que é um nós. O casal é realização da pessoa como imagem comunitária do Deus comunidade. E nesta realização comunitária do casal, a relação sexual diz ao mesmo tempo identidade e alteridade, unidade e dualidade. Esta unidade dual abre, objetivamente, o horizonte da reciprocidade. A originária diferença sexual faz parte constitutiva da própria imagem divina que é o homem. Sem negar a sua dimensão animal e instintiva, a sexualidade humana é, decisivamente, elevada ao plano de imagem divina⁶².

As próprias noções bíblicas de “carne” e de “corpo” indicam a dimensão social de cada ser humano num âmbito mais amplo que aquele da união entre os esposos. Somos membros de uma família, de uma tribo, de um povo; em última análise, de toda a humanidade. Esta, desde a criação, é concebida como uma grande unidade⁶³. O homem é, por natureza, um ser comunitário. A oferta da própria salvação de Deus não se dá senão em termos comunitários. Abraão é portador de bênção para os outros povos (cf. Gn 12,3). O próprio povo é objecto de eleição divina (cf. Dt 7,6; 9,26-29; 30,15-20). Toda a humanidade é considerada como uma totalidade querida e chamada por Deus (cf. Sabe 10,1). Sem a dimensão comunitária da existência humana seria incompreensível qualquer relação entre Deus e o homem na história de Israel. Na história da salvação não há destinos individuais. O destino de cada pessoa diante de Deus passa pelas vicissitudes salvíficas que têm por protagonista todo o povo de Israel⁶⁴.

Também a vida cristã está marcada por um destino comunitário. A nossa inserção em Cristo e a nossa participação na sua vida de ressuscitado, acontece “socialmente”, de modo comunitário. A multidão forma, em Cristo, um só corpo: “Nós somos muitos e formamos um só corpo em Cristo, sendo membros uns dos outros (Rm 12,4; cf 1 Cor 12,12-30). É na comunhão do corpo de Cristo que cada cristão se realiza como dom ao serviço da edificação

⁶² Cf. L. F. LADARIA, *Introducción a la Antropología teológica*, Estella. Verbo Divino, 164.

⁶³ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 112.

⁶⁴ Cf. A. SCOLA - G. MARENCO – J. P. LÓPEZ, *La persona umana*, 18. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 112.

da comunidade. Esta edificação é um projeto de unidade que se realiza na progressividade do tempo, na espera do seu pleno cumprimento escatológico (cf. Ef 4,4-16)⁶⁵. Na concepção paulina de Igreja como corpo de Cristo, vê-se bem como o eu de cada indivíduo não pode, de modo nenhum, experimentar uma relação com Deus senão através de um nós. A dimensão comunitária é, pois, constitutiva da existência cristã. O dom da filiação divina acolhe-se, experimenta-se e celebra-se na comunhão solidária dos irmãos. Na Eucaristia alcança a sua máxima expressão esta união de todos os crentes com o Senhor, na participação do mesmo pão e do mesmo cálice. Nem tão pouco podemos pensar a vida eterna sem ter em conta esse elemento de comunhão fraterna⁶⁶. A vida eterna será a plenitude da comunhão filial e fraterna, com o Pai e com os irmãos.

Sem esta perspectiva comunitária da salvação, seria incompreensível tanto a realidade do pecado como a oferta da graça. O pecado atua como um fator de desintegração da relação e da comunhão⁶⁷. É, simultaneamente, ruptura da relação com Deus e com os irmãos; é atentado à vida comunitária. Pelo contrário, a graça, restabelecendo a comunhão vital com Deus, restaura a comunhão com o próximo, refaz a sociabilidade na fraternidade. A oferta do amor gratuito do Pai, que é o Espírito Santo, possui sempre um dinamismo comunitário⁶⁸.

Como não poderia deixar de ser, o Concílio Vaticano sublinha esta importância. A fraternidade faz parte integrante do próprio projeto divino: “Deus, que de todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos”⁶⁹. Tanto na sua origem como no seu destino, Deus quer que a humanidade se realize em comunhão fraterna, em unidade. O Concílio afirma que se dá “uma certa analogia entre a união das pessoas divinas entre si e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade”⁷⁰. Podemos tirar as consequências da mesma desta afirmação do

⁶⁵ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*, 112.

⁶⁶ Cf. L. F. LADARIA, *Introducción a la antropología teológica*, 93.

⁶⁷ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*, 112.

⁶⁸ Cf. J. L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 209.

⁶⁹ Cf. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 24.

⁷⁰ Cf. *Ibidem*.

Concílio, afirmando que a comunhão trinitária constitui o fundamento, a origem e o destino da comunhão humana, a realizar-se no tempo sempre de modo imperfeito, e por isso mesmo em contínua progressão⁷¹.

O homem não se pode encontrar plenamente a não ser no dom sincero de si mesmo, que tem sempre uma concretização comunitária. Por isso mesmo, “a natureza social do homem torna claro que o progresso da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade estão em mútua dependência”⁷². Quanto à sociabilidade do homem o Concílio ajusta a obrigação de uma efetiva solidariedade que realize a igualdade e a justiça social entre todos os seres humanos, e a necessidade, para o crente, de superar uma ética individualista, atendendo aos imperativos do bem comum (cf. GS 29-31).

A *Gaudium et Spes* termina o capítulo “A comunidade humana”, apresentando uma síntese do fundamento teológico da mesma. A índole comunitária da humanidade faz parte do próprio desígnio criador de Deus: “Deus não criou os homens para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade”; “Desde o começo da história da salvação, Deus escolheu os homens não só como indivíduos, mas ainda como membros duma comunidade”⁷³. Esta índole comunitária aperfeiçoa-se e completa-se em Cristo, “pois o Verbo encarnado quis participar da vida social dos homens”. Aquele que fez em tudo a experiência da condição humana, menos naquilo que desagrega a relação e a comunhão – o pecado –, não podia deixar de experimentar também a vida comunitária como condição de realização da própria vida pessoal. O anúncio do Reino por parte Jesus implica uma nova condição de comunhão e de sociabilidade, a vida fraterna no amor, para além dos laços familiares. Esta comunhão fraterna, ainda em gérmen na vida pública de Cristo, torna-se Igreja após a sua ressurreição: “Primogénito entre muitos irmãos – Cristo – estabeleceu, depois da sua morte e ressurreição, com o dom do seu Espírito, uma nova comunhão fraterna entre todos os que O recebem com fé e caridade, a saber, na Igreja, que é o seu corpo, no qual todos, membros uns dos outros, se

⁷¹ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*, 112.

⁷² Cf. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 25.

⁷³ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*, 113.

prestam mutuamente serviço segundo os diversos dons a cada um concedidos”⁷⁴. Esta solidariedade fraterna, em permanente crescimento, só estará consumada na escatologia, “naquele dia em que os homens, salvos pela graça, darão perfeita glória a Deus, como família amada do Senhor e de Cristo seu irmão”⁷⁵.

Quando se pensa que a pessoa é relação, torna-se mais fácil compreender que o ser pessoal é sem dúvida ser social, precisamente para poder realizar a sua personalidade. “Ser pessoa é essencialmente entrar em relação com outros, chegar a um todo... A pessoa é um centro centrífugo”⁷⁶.

Podemos assim concluir, que o homem (comunidade humana) precisa de aprender a cultivar valores como a solidariedade, a liberdade, a participação, a igualdade/assimetria, a identidade/alteridade, o diálogo, o pluralismo, a subsidiariedade, a abertura ao novo, uma nova forma de relação homem-mulher e de vida familiar.

“O homem tem que viver um duplo movimento: o de dar-se e o de receber. É o único caminho para chegar à realização plena da sua personalidade”⁷⁷.

⁷⁴ Cf. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 32.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*.

⁷⁶ J. L. RUIZ. DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 211.

⁷⁷ J. L. RUIZ. DE LA PEÑA, *Teología de la creación*, Santander. Sal Terrae, 1993. 150.

2.3. A mundanidade do ser pessoa

Não podemos pensar na pessoa sem ser inserida no mundo, daí podermos considerar a mundanidade outra das dimensões constitutivas do ser pessoa. Enquanto corpo, a mundanidade inscreve-se na própria realização do ser pessoa, no processo contínuo da sua existência. Porque existir é realizar-se como pessoa numa corporeidade que é, ao mesmo tempo, modo próprio de ser-no-mundo, num simultâneo processo de inserção e de diferenciação⁷⁸.

O homem é parcela do mundo material enquanto corpo, mas não se reduz à materialidade do mundo. Habita nela o desejo de uma transcendência, que supere os limites e a estreiteza do mundano, o desgaste do tempo. Diz-nos o capítulo dezassete do evangelho de João, o homem está no mundo mas não é do mundo. Pertence ao mundo, mas sabe que a sua pátria definitiva não se situa na imanência mundana: “Não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da cidade que está para vir” (Hb 13,14); “A nossa cidade está nos céus” (Fl 3,20). A imanência do homem no mundo está marcada pela abertura radical à transcendência, que resgate o homem da finitude e do destino de morte inscrito na estrutura material do real⁷⁹.

O sentido do provisório do mundo, a esperança do definitivo escatológico, de modo nenhum pode legitimar uma fuga ao mundo, como acontece no excesso de alguns movimentos de radicalidade espiritual⁸⁰. A existência crente realiza-se e experimenta-se na mundanidade da nossa condição, que nos é constitutiva e irrenunciável. A fuga ao mundo só pode resultar em alienação. Ora uma espiritualidade que não comprometa, que não se traduza em ação libertadora na história, em intervenção santificadora do próprio mundo, é alienante e ineficaz⁸¹.

⁷⁸ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 114.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*.

⁸⁰ Cf. J. L. RUIZ. DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 211.

⁸¹ Cf. SIERRA, A. M. *Antropología teológica fundamental*, BAC, Madrid, 2002. 114.

O mundo apresenta-se, como o vasto campo da intervenção do homem, num contínuo esforço de superação dos limites condicionantes do tempo e do espaço. O homem é chamado a ser como que criador do mundo, melhor dizendo, recriador, dando continuidade ao próprio projeto criador de Deus⁸².

O homem, através da sua ação sobre o mundo: trabalho, cultura, arte, técnica..., apresenta-se como um construtor de sentido, como alguém que reconhece o valor das coisas, dando-lhes significado/ nome, por exemplo no Gn 2,20 “O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todos as feras selvagens”. Dar nome é, antes de mais, uma ação própria de Deus, pois só o Criador pode dar sentido à criação; e dá-lho, de facto, imprimindo nela a sua vida. Mas por incumbência divina, esta tarefa é alargada ao homem, cuja vocação é a de dar sentido ao mundo, reconhecendo a identidade e o valor das próprias coisas criadas, não em si próprias nem na mera funcionalidade e instrumentalidade que estas lhe podem oferecer, mas a partir da radical alteridade das mesmas em sua primeira referência a Deus, que criando-as, lhes dá identidade. Uma identidade que só se pode compreender e reconhecer em contexto relacional, porque a relação está na origem ontológica de toda a realidade criada⁸³.

Segundo a fé cristã, o homem não pertence ao mundo. O mundo entra na constituição ontológica do próprio homem, encontramos claramente no livro dos Génesis, “Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo”. Adão, feito do pó da terra, é chamado a trabalhar a terra. Aquele que vem da terra, que é terreno (mundano) tem, na sua finitude, o mesmo destino da terra. O homem é conatural ao mundo, na sua precariedade, em sua finitude, em seu inexorável destino de morte. A radicação bíblica não deixa de reconhecer o realismo da conflitualidade entre o homem e o mundo. O mundo é hostil ao homem que, por isso, tem de lutar, tenaz e dramaticamente, contra a adversidade do mundo⁸⁴. A relação do homem com o mundo está, pois, marcada pela dor e pela luta: “Com o suor do teu rosto comerás o teu pão

⁸² Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*, 114.

⁸³ Cf. *Ibidem*, 115.

⁸⁴ Cf. *Ibidem*.

até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3,19). Tanto o mundo como o homem estão marcados por um trágico destino de vazio e de nada, o pó. Neste contexto não podemos deixar de referir, que o homem é o animal mais biologicamente desprotegido. Não fosse a sua capacidade de produzir cultura, o homem seria um fracasso biológico, esmagado por completo num mundo que lhe é adverso⁸⁵. Não tem meio próprio, não possui instintos de autodefesa, não tem qualquer especialização biológica.

“Disse Deus: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra” (Gn 1,28). Com este mandato divino o homem torna-se responsável pelo destino do mundo. Mas importa acrescentar, a tarefa de submeter o mundo de modo nenhum pode significar domínio desmesurado, voragem destruidora. A afirmação bíblica não legitima qualquer exercício de um domínio absoluto, sem limites nem controle, do homem sobre o mundo. Não se pode, todavia, esquecer que a afirmação bíblica não deixou de ter tido algum aproveitamento ideológico por parte da moderna civilização tecnológica, que via aí o suporte legitimador da sua desenfreada usurpação dos bens da criação, do consumo sem freios, da industrialização sem controlo, meramente determinadas pelas leis do mercado.

A Escritura impõe uma rigorosa contenção da relação do homem com o mundo. O homem domina o mundo em nome de Deus, porque não é senhor do mundo, o mundo não lhe pertence. O seu domínio é vicário, não lhe é próprio. Verdadeiramente só Deus é o senhor do mundo, senhoria que partilha com o homem, em supremo gesto de gratuidade e de confiança, para que o homem, na fidelidade a Deus, possa exercer uma liberdade responsável, criativa sem dúvida, mas nunca avassaladora.

O homem é igualmente criatura, partilhando com as demais criaturas a mesma condição de dependência e de finitude em relação a Deus. Daí que o sábado seja a festa da própria criação, precisamente porque é o tempo do descanso de Deus e do homem. É no

⁸⁵ Cf. *Idem*, 115.

sétimo dia que a criação fica completa porque fica liberta da ação dominadora e possessiva do homem. No dia de sábado, Deus regressa a si próprio para contemplar a beleza e a bondade da obra que criara⁸⁶, deixando a criação entregue à sua própria autonomia. Repousando da sua atividade criadora, Deus permite a todas as criaturas agir por si próprias, cada uma à sua maneira⁸⁷.

“Deus abençoou e santificou o sétimo dia, pois nele descansou, depois de toda a sua obra de criação” (Gen 2,3). Este dia é santo, porque santificado pelo próprio Deus-Santo. Tornar santo o dia de sábado significa reconhecer e acolher a sua santidade. Mais do que mera expressão litúrgica ou de paralisação de qualquer atividade laboral, santificar o dia de sábado significa experimentar uma capacidade mais elevada de percepção da beleza do mundo, das coisas que o homem habitualmente utiliza e desfruta, vistas agora com um outro olhar. Santificar o sábado quer dizer também, libertar-se totalmente da vontade de êxito, de dominar, de possuir, e de consentir-se existir totalmente na presença do Deus-Santo. O repouso sabático expressa a libertação humana de todo o processo de fabricação, produção e utilização, pela reconciliação do homem com as criaturas acolhidas na sua beleza e integridade. Por isso mesmo, a celebração do sábado, a festa semanal da criação, abre o homem e a criação inteira à plenitude do sábado eterno. A festa do sábado simboliza a vitória do homem e da criação sobre o tempo, a antecipação da eternidade⁸⁸.

O ser humano não é apenas aquele que domina a natureza, submetendo-a à sua vontade numa relação de força e de possessão para com as criaturas. É também aquele, pelo qual as criaturas encontram o seu repouso, a festa jubilosa do louvor e do agradecimento. No seu descanso e na sua festa sabáticos, o ser humano torna-se o sacerdote de uma liturgia

⁸⁶ No repouso sabático Deus lança sobre a criação “um olhar repleto de jubilosa complacência, um olhar “contemplativo”, que não visa novas realizações, mas sobretudo apreciar a beleza de quanto foi criado”: JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica “Dies Domini”*, nº18, www.vatican.va, edição em língua portuguesa. Acedido 23-04-2014.

⁸⁷ Cf. J. MOLTMANN, *Dieu dans la création*, Les Editions du Cerf, Paris, 1988, 351-357.

⁸⁸ Cf. J. MOLTMANN, *Dieu dans la création*, 364-365.

cósmica⁸⁹. Nesta liturgia cósmica a criação transcende-se nos seus próprios limites, pois o homem, colocando-se no ponto mais alto da evolução do mundo, qual síntese da natureza, eleva consigo todo o criado na busca de uma liberdade maior, que só encontrará por dom e jamais por conquista. Tomando em suas mãos o mundo, integrando-o criativamente e referindo-o a Deus, o homem liberta a criação dos seus limites⁹⁰. A dimensão sabática da criação torna-se liturgia cósmica, um sacerdócio permanente da transfiguração do mundo em Deus, contemplação do Criador na interioridade das coisas criadas. O homem é, assim, chamado a viver uma consciência cósmica, que é ao mesmo tempo contemplação e transformação última do mundo, festa sabática e empenho ferial. Mas não nos devemos esquecer que o fim da criação é o seu descanso em Deus, pelo repouso do homem. O carácter sabático do mundo assinala a tensão própria da criação em superar os limites da pura criaturalidade, para entrar no repouso definitivo da comunhão com Deus⁹¹.

A encarnação de Deus é o sim definitivo ao mundo e à história, que foram assumidos pela humanidade do Verbo. Em Cristo, na pessoa encarnada do Filho, tanto o mundo como a humanidade, a mundanidade e a corporeidade própria do ser humano, passam a pertencer ao mistério do próprio Deus. A imanência do mundo acolhe em silenciosa plenitude a transcendência de Deus, que se torna Ele próprio imanente na debilidade e na fragilidade de uma criança recém-nascida. Aquele por quem todas as coisas foram criadas, vem habitar no que é seu, neste mundo que é a sua morada e também a sua cruz desde o início. O mundo, desde as origens, está cristologicamente determinado, é chamado a participar na filiação gloriosa. O mundo não é mero cenário passivo e neutro da história da salvação; também ele próprio ficará marcado definitivamente pela graça redentora de Cristo, este mesmo mundo que já fora marcado pela graça criadora do Pai. E através da mediação humana, do sacerdócio contemplativo e empenhado do crente, está chamado à unidade de um destino em que “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15,20). Há, pois, uma única história, impulsionada pelo

⁸⁹ Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*, 117

⁹⁰ Cf. *Ibidem*.

⁹¹ Cf. G. COLZANI, *Antropologia teologica. L'uomo: paradosso e mistero*, Bolonha 1997, 432.

dinamismo da graça que apela e compromete a liberdade responsável do homem. O progresso do mundo e a Graça divina interagem num único projeto de história. E a ação do homem sobre o mundo será tanto mais eficaz, quanto o homem reconhecer a gratuidade do mundo: é dom de Deus em si mesmo e é dom de Deus dado ao homem para este cuidar e cultivar, proteger e desenvolver⁹².

⁹² Cf. MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. 118.

Parte III

Proposta de reorganização da Unidade Letiva sobre “A Pessoa Humana”

(através da adaptação de um novo mapa conceptual e levando uma nova reorganização)

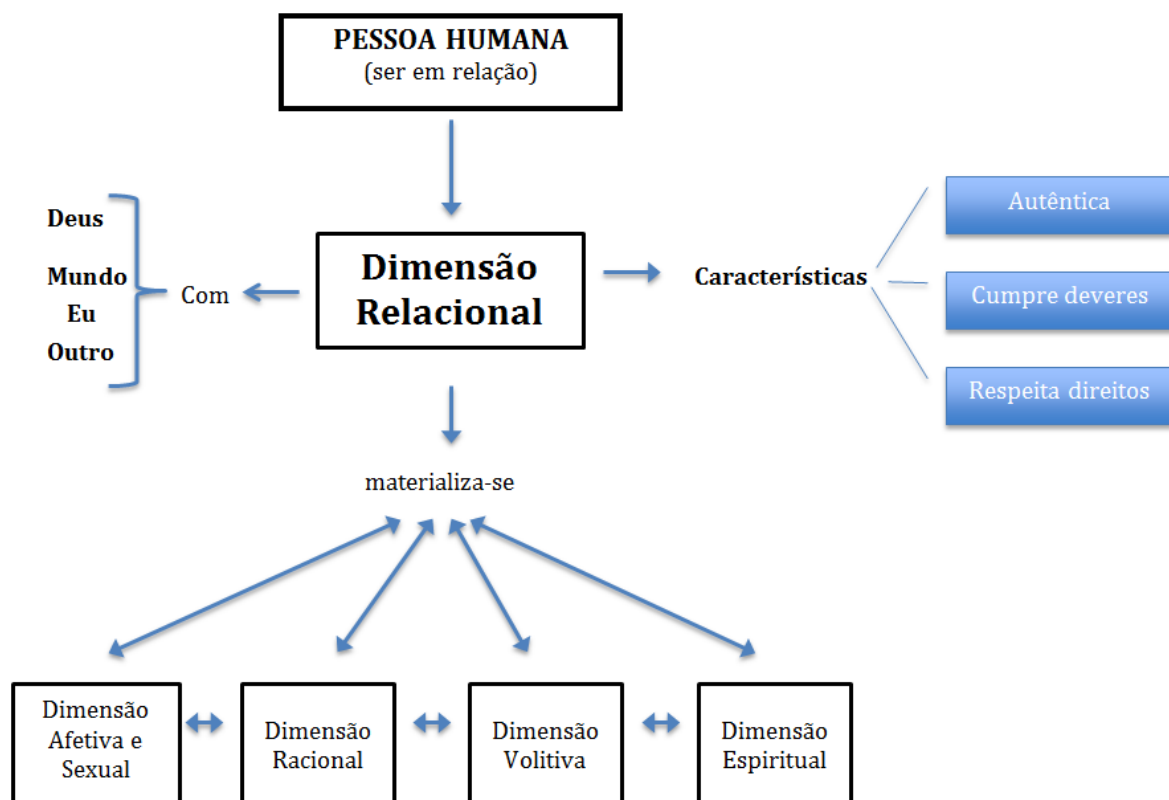
Com base na análise realizada na (Parte I) e nas reflexões da antropologia teológica cristã (Parte II), proponho-me, agora, reorganizar a Unidade Letiva, fazendo uma nova articulação dos conteúdos, que permitirão desenvolver as competências selecionadas.

A articulação dos conteúdos deve partir dum conceito relacional de pessoa humana, desenvolvendo, em seguida os restantes conteúdos, ou seja, os conteúdos que são propostos para a UL sobre “A Pessoa Humana” estão corretos, a forma como se articulam, em minha opinião, pode ser melhorada.

Um outro aspeto, que se deve ter em consideração nesta nova articulação é de dar a cada conteúdo o lugar que merece, nomeadamente às dimensões espiritual e afetivo-sexual. Pelas características das duas dimensões, ou seja, o seu carácter transversal, estas devem ter um lugar de maior destaque.

Podemos ver no novo mapa conceptual como pretendo reorganizar a Unidade Lectiva sobre “A pessoa humana”.

Figura 2. Novo mapa conceptual



A figura 2 apresenta-nos o mapa conceptual da reorganização da Unidade Letiva sobre “A pessoa humana”. Assim, torna-se claro que o conceito chave de “pessoa humana” passa a ter uma conotação relacional. A pessoa humana deixa de ser uma estrutura definida exclusivamente pelo individual e racional, para ser em relação. O relacional torna-se constitutivo da pessoa humana. O ponto de partida altera-se completamente.

Podemos assim dizer que a formula sobre a pessoa humana que preside à reorganização desta Unidade Letiva tem por base uma ontologia da relação fundada na comunhão trinitária. A vocação à comunhão, o ser em relação torna-se o constitutivo da pessoa humana, a exemplo da comunhão trinitária. A referência ao outro constitui um dado primário da condição humana. A profundidade da identidade da pessoa revela-se na abertura de si aos outros, no encontro com os outros.

O homem enquanto imagem de Deus é convidado a participar da sua vida divina, uma vida que é comunhão, abertura ao outro, doação, entrega.

Os conceitos principais são também alterados. Na figura 2 os conceitos principais são o ser em relação consigo próprio, com os outros, com o mundo e com Deus. Esta opção evita o perigo de espartilhamento da pessoa humana, pondo em causa a sua unidade antropológica. Não significa isto, que estas dimensões não estejam presentes na pessoa humana. Efetivamente, se observarmos essas dimensões na figura 1⁹³ encontram-se presentes no mapa conceptual, no entanto, não são os conceitos principais, mas sim secundários.

No mapa conceptual que apresento, referente à reorganização da UL sobre “A pessoa humana” a dimensão espiritual ganha uma maior destaque. São dois os motivos para esta alteração. Primeiro, porque a dimensão espiritual é uma dimensão transversal a todas as outras, segundo, porque esta é uma dimensão a que a disciplina de EMRC, pela sua natureza, deve dar especial atenção.

Também a dimensão afetiva e sexual sobe na escala de importância de conteúdos. Esta é também uma dimensão transversal a todas as outras.

A presente proposta de reorganização da Unidade Lectiva sobre “A pessoa humana” pretende responder aos desafios colocados na parte I e II deste Relatório Final, contribuindo assim para uma maior qualidade do processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Posto isto, apresento agora a minha experiência na PES com a turma do colégio já referidos anteriormente.

Após uma reflexão com a professora cooperante, e tendo em conta a realidade da turma, não retirei nenhuma das competências previstas e trabalhei-as todas.

Na tabela na tabela seguinte, podemos ver como foi adaptada a UL1 para a turma, tendo em conta os conteúdos. Optei por fazer um percurso pedagógico com base no

⁹³ Cf. Pág. 24 deste trabalho.

conhecimento comum e/ou científico sobre a pessoa e depois a abordagem religiosa, de modo a enquadrar a dimensão relacional materializada nas quadro dimensões já referidas e que podemos conferir no novo mapa conceptual.

Tive o cuidado de adotar estratégias de aprendizagem adequadas às necessidades dos alunos, baseadas na especificidade da disciplina, através da leitura e análise de textos, na realização de fichas de trabalho, no recurso a PowerPoint relativos aos conteúdos escolhidos, no visionamento de pequenos filmes, na partilha das ideias retidas na leitura dos textos, na realização de plenários de turma, na partilha e apresentação das conclusões dos trabalhos de grupo, no uso de estratégias de aprendizagem que valorizaram as planificações das aulas e que estão incluídas no Portefólio de Avaliação da PES.

Assim, remeto para a sua leitura e análise ⁹⁴.

Considero que as aulas decorreram de modo construtivo, tal como podemos comprovar no portefólio da PES, dado que as estratégias utilizadas permitiram um maior envolvimento e motivação por parte dos alunos. Tenho consciência de que os conteúdos foram bem lecionados e interiorizados.

Por conseguinte, creio que as aulas foram uma fonte de aprendizagem e de enriquecimento para os alunos e contribuíram para o aumento da minha segurança e desempenho.

A relação estabelecida entre mim e os alunos foi muito positiva, pois procurei estar atento às suas necessidades e motivações, com a finalidade de os ajudar no seu processo de aprendizagem e na sua formação pessoal, social e cristã.

Terminada a Unidade Letiva ⁹⁵, constatei que os objetivos, foram alcançados.

As estratégias foram adequadas, os conteúdos foram explorados com rigor e as competências trabalhadas.

⁹⁴ Cf. Portefólio de Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada; CD na contracapa do Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada.

⁹⁵ As planificações desta UL encontram-se no portefólio da PES.

Como podemos ver no portefólio da PES, os resultados da avaliação foram bastante satisfatórios⁹⁶.

Tendo em consideração o que já referi atrás, proponho-me agora reorganizar a UL sobre “A pessoa humana”, através da elaboração de um novo mapa conceptual.

Podemos verificar na parte II que a antropologia teológica não admite mais um conceito individualista de pessoa humana. Uma definição substancialista de pessoa humana oculta a verdadeira essência do homem ser em relação.

A relação não é mais um acidente, mas sim algo constitutivo da pessoa humana.

No meu ponto de vista, considero que o proposta do programa e respetiva planificação proposta da UL sejam revistos de modo a estruturar o pensamento e compreensão. Ou seja, o que me parece corrigível na planificação é o ponto de partida: a Pessoa Humana na sua dimensão relacional materializada nas dimensões como já referi anteriormente na Parte I e podemos confirmar no mapa conceptual 2.

Nesta tabela apresento a proposta para a alteração dos conteúdos e que por sua vez utilizei na PES. Esta proposta de conteúdos confirma o que se pretende no mapa conceptual.

<i>Programa EMRC UL1</i> <i>Conteúdos</i>	<i>Programa EMRC UL1 para o 6ºA</i> <i>(Proposta)</i> <i>Conteúdos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • O que é a pessoa? • Estrutura individual (unidade irrepitível) • Estrutura pessoal (ser em relação com os outros) • Dimensão física, racional e volitiva (ser livre) 	<ul style="list-style-type: none"> • O que é a pessoa? • Estrutura individual (unidade irrepitível). • Dimensão relacional (ser em relação com os outros). • SI 139(138): Deus é pessoa e estabelece com todos uma relação pessoal. • O ser relacional.
<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão afectiva e sexual <ul style="list-style-type: none"> ➢ A dimensão sexual abrange a totalidade da pessoa: corpo, vontade, afectividade, etc. ➢ Abertura aos outros que são diferentes: a linguagem do corpo na 	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão afectiva e sexual <ul style="list-style-type: none"> ➢ A dimensão sexual abrange a totalidade da pessoa: corpo, vontade, afetividade, etc. ➢ Abertura aos outros que são diferentes: a linguagem do corpo na

⁹⁶ Cf. Grelha dos resultados dos testes de avaliação sumativa: Portefólio da PES, relatório da UL1.

<p>comunicação com os outros</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Ruptura com o egoísmo e vivência do amor 	<p>comunicação com os outros</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dimensão Racional • Dimensão volitiva • Dimensão espiritual
<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão espiritual: a relação com o transcendente 	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão espiritual
<ul style="list-style-type: none"> • A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação), equivalência entre o que se é e o que se aparenta ser; vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade; aceitação de si mesmo 	<p>Caraterísticas da Dimensão Relacional</p> <ul style="list-style-type: none"> • A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação), equivalência entre o que se é e o que se aparenta ser; vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade; aceitação de si mesmo
<ul style="list-style-type: none"> • Ser dotado de direitos e de deveres: <ul style="list-style-type: none"> ➤ Declaração Universal dos Direitos do Homem ➤ Convenção sobre os Direitos da Criança 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser dotado de direitos e de deveres: <ul style="list-style-type: none"> ➤ Declaração Universal dos Direitos do Homem ➤ Convenção sobre os Direitos da Criança
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Atentados aos direitos das crianças: doenças que facilmente poderiam ser curadas; subnutrição e fome, que por vezes conduz à morte; prostituição infantil; trabalho infantil; abandono pelas famílias ou por quem as suas vezes fizer; mendicidade ao serviço dos outros; consequências da desintegração matrimonial e familiar; tráfico de crianças; maus-tratos na família... 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Atentados aos direitos das crianças: doenças que facilmente poderiam ser curadas; subnutrição e fome, que por vezes conduz à morte; prostituição infantil; trabalho infantil; abandono pelas famílias ou por quem as suas vezes fizer; mendicidade ao serviço dos outros; consequências da desintegração matrimonial e familiar; tráfico de crianças; maus-tratos na família...
<ul style="list-style-type: none"> ➤ A UNICEF e a luta pela construção de um mundo onde todas as crianças tenham condições de existência dignas 	<ul style="list-style-type: none"> • A UNICEF e a luta pela construção de um mundo onde todas as crianças tenham condições de existência dignas
<ul style="list-style-type: none"> • SI 139(138): Deus é pessoa e estabelece com todos uma relação pessoal 	
<ul style="list-style-type: none"> • Ser pessoa e dar condições para que todos sejam pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser pessoa e dar condições para que todos sejam pessoas

Conclusão

A lecionação da disciplina de EMRC, exige do professor uma contínua reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, capaz de adaptar-se aos contextos, promovendo aprendizagens significativas. Assim, e tendo em conta a diversidade social e cultural, é necessária uma relação pedagógica cuidada de modo a não proporcionar conflito promovendo a autonomia e a participação equilibrada de todos e assim favorecendo um clima de aprendizagem.

Como foi referido ao longo do trabalho, foi minha tarefa, na PES, a leccionação de uma Unidade Lectiva sobre “A pessoa humana” ao sexto ano de escolaridade. Esta tarefa exigiu a análise profunda da Unidade Lectiva e, sobretudo, a fundamentação teórica do conceito de pessoa humana, a partir da filosofia e da teologia, fazendo eco dos avanços da antropologia cristã.

É necessário afirmar um conceito relacional de pessoa humana, à imagem do Deus trinitário. Ruiz de la Peña, procura superar a contradição verificada no desenvolvimento histórico do conceito de pessoa que oscila entre o “substancialismo desrelacionado” e a “relação dessubstancializada”. E fá-lo através da analogia com o ser pessoal divino. Tanto no ser pessoal divino como no ser pessoal humano, é a relação que especifica o ser pessoa, tentando uma aproximação teológica a um conceito puramente antropológico.

Podemos dizer que surge uma compreensão teologal do conceito de pessoa, partindo da concepção bíblica do homem como imagem de Deus. A relação do homem com o próprio Deus é fundante de toda a sua capacidade relacional: pessoalidade. O homem é pessoa pela sua referência originária a Deus.

Não é fácil a compreender a fé no Deus trinitário. Deus é em si mesmo diferenciado e é-o como comunhão que se oferece continuamente. Com base no Novo Testamento, vemos que Deus vem ao encontro do homem para entrar em comunhão com ele, para que o homem

se incorpore nessa comunhão.

A partir do Deus trino, a relação aparece como a essência mais profunda da realidade de Deus e, conseqüentemente, de tudo o que existe, de tudo o criado. A referência ao outro constitui um dado primário da condição humana. A relação define ontologicamente a pessoa humana.

É por isso que proponho aqui um novo mapa conceptual e de uma nova reorganização do programa, neste caso para a Unidade Letiva 1.

Espero que este relatório possa, de algum modo, contribuir para que o programa de EMRC se centre na sua especificidade e, assim, esta disciplina contribua para a formação integral dos alunos. Neste sentido, este trabalho mostra a necessidade de um estudo aprofundado das unidades letivas e do programa em geral. Tendo em vista oferecer um plano com conteúdos sólidos e sem descuidar o essencial, seria muito proveitoso a realização de estudos semelhantes ao realizado, em relação a outras unidades letivas.

É necessário mostrar e valorizar a especificidade da EMRC para que esta esteja ao serviço da educação integral dos alunos e assim lhe seja reconhecida a sua importância e, conseqüentemente, o seu lugar na escola.

Bibliografia

Documentos do Magistério

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, de 7 de dezembro de 1965, sobre a Igreja no Mundo Atual, 10ª Edição, Editorial Apostolado da Oração, Braga, 1987.

JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, 1988, Lisboa: Secretariado-Geral do Episcopado, 1989.

Estudos

ARENDS, Richard I., *Aprender a Ensinar*, Mc Graw Hill, Madrid 2008.

BUBER, M. *Que és el hombre?* Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

BUENO DE LA FUENTE, E. “*De la sustancia a la persona. Paradigma del encuentro de la filosofía e la teología*”. Revista Española de Teología , 1994.

BUENO DE LA FUENTE, E. *La persona en perspectiva teológica*. In O. GONZÁLEZ DE CARDENAL, & J. J. FERNÁNDEZ SANGRADOR, *Coram Deo*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia, 1997.

FORTE, B. *A Trindade como história: ensaio sobre o Deus cristão*. São Paulo: Paulinas, 1987.

G. COLZANI, *Antropologia teologica. L'uomo: paradosso e mistero*, Bolonha 1997.

GRESHAKE, G. *Il Dio unitrino. Brescia: Editrice Queriniana*. Santander: Sal Terrae, 2000.

GRESHAKE, G. *Creer en el Dios uno y trino. Una clave para entenderlo*. Santander: Sal Terrae, 2000.

LADARIA, L. F. *Antropología teológica*. Madrid – Roma: Universidade Pontificia Comillas, Università Gregoriana, 1986.

LADARIA, L. F. *El Dios vivo y verdadero. El misterio de la Trinidad*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1998.

LADARIA, L. *Introducción a la antropología teológica*. Estella: Ediorial Verbo Divino, 1982.

LESSARD-HÉBERT, Michell, *Pesquisas em educação*, Instituto Piaget, Lisboa 1996.

MARTINS, A. M. *A condição corpórea da pessoa. Estudo sobre a antropologia teológica de J. L. Ruiz de la Peña (1937-1996)*. Roma: Pontificia Universidade Gregoriana, 2003.

MARTINS, A. *Apontamentos para uso dos alunos de Protologia*. Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. 2009.

NOVAK, J e GOWIN, B. *Aprender a aprender*. Lisboa: Plátano, 1996

R. I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Mc Graw Hill, Madrid 2008.

RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *Creación, gracia, salvación*. Santander: Sal Terrae, 1993.

RUIZ DE LA PEÑA, J. L. *Imagen de Dios. Antropología teológica fundamental*. Santander: Sal Terrae, 1988.

RUIZ. DE LA PEÑA, J.L, *Teología de la creación*, Santander. Sal Terrae, 1993.

SIERRA, A. M. *Antropología teológica fundamental*, BAC, Madrid, 2002.

Outras obras

PROJETO EDUCATIVO DA ESCOLA SALESIANA - Província Portuguesa da Sociedade Salesiana - Coordenação de Escolas – Projeto Educativo, 2005.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica - Ensino Básico e Secundário*, Lisboa, 2007.

Sítios consultados

www.lisboa.salesianos.pt

www.vatican.va

Índice

Introdução	2
Parte I	4
1. Caracterização da escola	4
1.1. Projeto Educativo	7
1.2. Método Educativo	12
1.3. Projetos Solidários	15
1.4. Princípios orientadores e valores fundamentais	16
2. Reflexão da Prática de ensino supervisionada	17
2.1. Unidade Letiva para o 6º ano do programa de EMRC “A pessoa Humana”.....	20
2.2. Competências, Conteúdos e Mapa Conceptual da UL 1	24
Parte II	28
1. O homem enquanto pessoa	29
2. A pessoa como ser-em-relação	33
2.1. Dimensão teologal	33
2.2. A sociabilidade da pessoa	37
2.3. A mundanidade da pessoa	43
Parte III	49
Proposta de reorganização da UL “A Pessoa Humana”	49
Conclusão	55
Bibliografia	57
Índice	60